

Prólogo

Completados os preparativos, esperei. Doíam-me os músculos dos braços por ter trabalhado tanto, mas por agora terminara. A máquina fora montada e estava segura. A torre mantinha-se firme e estável sob o peso do aço retorcido e dos plásticos. Ao olhar agora o conjunto, a máquina parecia-se exactamente com a que eu sonhara.

A notícia da existência da máquina espalhara-se pelas aldeias vizinhas e as pessoas começavam a aparecer. Os comerciantes viam-na das suas tendas e guardaram as mercadorias. Os camionistas arrumaram os veículos ao longo das bermas das estradas. Toda a gente se dirigia para o vale e estava agora a reunir-se à sombra das árvores. Reconheci as pessoas. Algumas delas tinham zombado de mim durante meses e continuavam a cochichar, ou até a rir-se. A multidão ia aumentando. Era chegado o momento.

Balançando o pequeno interruptor e os fios eléctricos na mão esquerda, usei a direita para me içar para o primeiro patamar da torre. Só a prancha de madeira gemeu com o meu peso, o conjunto manteve-se silencioso. Continuei a subir, lentamente e com precaução, até ficar de frente para a estrutura rude da máquina. As pás de plástico pareciam queimadas e enegrecidas, mas as estruturas de ferro que as sustentavam estavam aparafusadas e soldadas

nos seus lugares. Parei e examinei as manchas de ferrugem e a pintura, o contraste entre elas e o pano de fundo das montanhas. Cada peça tinha a sua história, a forma como fora perdida e reencontrada numa época de sofrimento e de medo. Agora, de novo juntos, sentíamos-nos renascer.

Do coração da máquina saíam dois fios que oscilavam docemente com a brisa. Atei-os pelas pontas descarnadas e juntei-os com os fios que saíam da tomada, como sempre imaginara fazer. A multidão, lá em baixo, cacarejou como um bando de aves.

— Calem-se — ordenou alguém. — Vamos confirmar se este rapaz é realmente maluco.

Uma rajada súbita de vento abafou as vozes lá em baixo, mas, a seguir transformou-se numa aragem constante. Agitou a minha *T-shirt* e assobiou pelas traves da torre. Estendendo o braço, removi um fio de metal dobrado que mantinha a roda do moinho de vento em repouso. Uma vez solta, a roda de bicicleta começou a girar. Os raios começaram por girar lentamente, para, em seguida, adquirirem velocidade crescente, até a força do movimento fazer abanar a torre. Senti tremuras nos joelhos, mas aguentei-me.

«Não me deixes ficar mal.»

Peguei na tomada e nos fios, e esperei pelo milagre que finalmente aconteceu. Começou por uma luzinha que tremeluziu na palma da minha mão, mas transformou-se num brilho magnífico. A multidão susteve a respiração e estremeceu. As crianças empurraram-se para ver melhor.

— É verdade! — bradou alguém.

— Pois é — respondeu outra pessoa. — O rapaz conseguiu.

Capítulo Um

Antes de eu descobrir os milagres da ciência, o meu mundo era dominado pela magia.

A magia e os seus variados mistérios, que nunca deixaram de pairar sobre mim, proporcionam-me a primeira memória da infância — a ocasião em que o meu pai me salvou de uma morte certa, para se tornar o herói que ainda hoje é para mim.

Tinha seis anos e estava a brincar na estrada, quando um grupo de meninos pastores se aproximou, cantando e dançando. Isto aconteceu na aldeia de Masitala, perto da cidade de Kasungu, onde a minha família tinha uma herdade e a casa em que vivíamos. Os pastores trabalhavam para um fazendeiro vizinho, um homem que tinha muitas vacas. Explicaram-me como trataram da manada durante a manhã e que tinham encontrado um enorme saco caído na estrada. Ao abri-lo, descobriram que estava cheio de pastilhas elásticas. Conseguem imaginar um tesouro daqueles? Nem sei como hei-de explicar-vos quanto gostava de goma de mascar.

— Acham que podemos dar algumas ao miúdo? — perguntou um dos pastores.

Mantive-me quieto, sem ousar sequer respirar. Parecia que as folhas secas me pousavam no cabelo.

— Eh, por que não? — perguntou outro. — Olha para ele.

Um dos rapazes abriu o saco e tirou de lá uma mão-cheia de bolas de goma de todas as cores e deixou-as cair nas minhas mãos. Enfiei-as todas na boca. Fiquei a ver os rapazes irem-se embora, sentindo o suco doce a escorrer-me pelo queixo abaixo e a ensopar-me a camisa.

No dia seguinte, estando eu a brincar debaixo da mangueira, apareceu um mercador montado numa bicicleta e parou para conversar com o meu pai. Disse que na manhã do dia anterior, quando ia a caminho do mercado, deixara cair um dos sacos. Voltou para trás logo que se apercebeu do que acontecera, mas já não encontrou o saco, alguém o levara. Adiantou que o saco estava cheio de pastilhas elásticas. Uns colegas mercadores falaram-lhe de uns pequenos pastores que tinham andado a distribuir pastilhas pelas aldeias, o que o deixara furioso. Percorrera o distrito de bicicleta durante dois dias, à procura dos miúdos. Foi então que fez a ameaça aterradora.

— Fui falar com o *sing'anga* e quem mascou aquelas pastilhas vai-se arrepender não tarda.

O *sing'anga* era o feiticeiro.

Eu mascara as pastilhas havia muito tempo. Agora, a memória daquela doçura prolongada estava a dar lugar ao gosto a veneno que sentia na língua. Comecei a transpirar, o coração acelerou o ritmo dos batimentos. Sem que alguém notasse, corri para o eucaliptal, encostei-me a uma árvore e fiz o que pude para me libertar do veneno. Cuspi e tentei vomitar levando um dedo à garganta, fiz tudo para livrar o corpo da maldição. Não saiu nada de jeito. Um pouco de saliva coloriu as folhas aos meus pés, de modo que me apressei a cobri-las com terra.

Mas então, como se uma nuvem negra tivesse passado à frente do sol, senti o grande olho do feiticeiro a observar-me de entre as árvores. Eu tinha comido o seu *juju* e agora Sua Escuridão tinha-me em seu poder. Nessa noite iria ser visitado na cama pelas bruxas. Iam levar-me nos aviões delas e forçar-me a lutar, deixando-me morto no campo de batalha mágico. E, enquanto a minha alma pairava esquecida e solitária acima das nuvens, o meu corpo estaria frio pela manhã. O medo da morte percorreu-me o corpo como uma febre.

Comecei a chorar tão alto que nem conseguia mexer as pernas. Lágrimas quentes corriam-me pela cara abaixo, o odor do veneno enchia-me as narinas. Estava por todo o lado, dentro de mim. Corri para longe da floresta o mais depressa que pude, tentando fugir do grande olho mágico. Corri durante todo o caminho até casa, para o sítio onde o meu pai se encontrava, encostado à parede, a descamisar um monte de espigas de milho. Quis pôr o meu corpo debaixo do dele, de modo a que ele me defendesse do diabo.



Eu, ainda menino, encostado ao meu pai, na aldeia de Masitala. Para mim, ele era o homem maior e mais forte do mundo.

— Fui eu — confessei, com as lágrimas a afogarem as palavras. — Comi as pastilhas roubadas. Paizinho, não quero morrer. Não deixes que eles me levem!

O meu pai olhou-me por momentos e depois abanou a cabeça.

— Hum, então foste tu? — comentou, mas esboçou uma espécie de sorriso.

Teria percebido que eu estava condenado?

— Bem — disse ao levantar-se da cadeira. Os joelhos dele estalavam sempre que se punha de pé. O meu pai era um homem grande. — Não te preocupes. Vou procurar o mercador e explicar-lhe. Tenho a certeza de que poderemos chegar a um acordo.

Naquela tarde o meu pai caminhou oito quilómetros, foi a uma aldeia chamada Masaka, onde morava o mercador. Contou ao homem o que acontecera, o aparecimento dos miúdos pastores

e o facto de eles me terem dado as pastilhas. A seguir, sem discutir, o meu pai pagou o sacco inteiro das pastilhas, o valor de uma semana de trabalho.

Nessa noite, depois do jantar, com a vida salva, perguntei ao meu pai pela maldição, se ele acreditava que ela terminara inteiramente. Fez um ar muito sério e disse:

— Oh, claro, fomos mesmo a tempo — explicou, antes de desatar a rir às gargalhadas, de uma maneira que me deixou muito contente, a ver-lhe o peito subir e descer, fazendo estalar a cadeira. — *William, sabe-se lá o que estaria reservado para ti?*

O meu pai era forte e não receava qualquer magia, mas sabia todas as histórias. Em noites sem luar, acendíamos um lampião e juntávamo-nos na sala. As minhas irmãs e eu ficávamos sentados aos pés do meu pai, que nos explicava os caminhos da vida e como a magia nos acompanhava desde o início. Numa terra de lavradores pobres, as inquietações eram demasiadas para Deus e para o homem. Para compensar os desequilíbrios, dizia ele, existia uma terceira e poderosa força: a magia. A magia não era algo que pudéssemos ver, como uma árvore ou uma mulher a transportar água. Era, pelo contrário, uma força invisível e poderosa como o vento ou a teia da aranha suspensa de um lado ao outro do carreiro. A magia fazia parte das histórias, sendo a do chefe Mwase e a Batalha de Kasungu umas das nossa preferidas.

No início do século XIX, o povo chewa dominava, como ainda hoje domina, as planícies centrais. Fugimos para aqui há muitas gerações, vindos das terras altas do Sul do Congo, durante uma época de grandes guerras e epidemias, estabelecendo-nos nas zonas onde a terra era avermelhada, escura e fértil, e em que os dias eram compridos.

A certa altura, a noroeste da nossa aldeia, um feroz rinoceronte negro começara a espalhar o terror pela região. Era maior do que um camião de três toneladas, com chifres do tamanho dos braços do meu pai e pontas aguçadas como punhais. Naquele tempo, pessoas e animais partilhavam a mesma poça de água, e o rinoceronte submergia na água baixa e esperava. As mulheres e as meninas predo-

minavam entre as pessoas que se serviam da fonte, normalmente mãe e filhas. O rinoceronte atacava quando elas mergulhavam os baldes na água, cortando-as com as presas e pisando-as com as patas, até não restar mais do que um monte de farrapos ensanguentados. Num período de meses, o temível rinoceronte negro matara mais de uma centena de pessoas.

Certa tarde, junto à fonte, uma menina pertencente à família real dos chewa foi pisada até à morte. O chefe ficou furioso quando soube e decidiu agir. Reuniu os anciãos e os guerreiros a fim de traçar um plano.

— Aquilo é uma verdadeira ameaça — comentou o chefe. — Como é que nos podemos ver livres dele?

Foram aventadas muitas ideias, mas nenhuma pareceu vencer o chefe. Finalmente, um dos seus ajudantes pôs-se em pé.

— Conheço um homem em Lilongwe — adiantou. — Não é um chefe, mas tem uma das armas *azungu* e é muito bom em magias. Tenho a certeza de que os seus esquemas mágicos são suficientemente fortes para derrotar o rinoceronte negro.

O homem chamava-se Mwase Chiphandzu e era senhor de uma magia tão superior que o tornara famoso em todo o reino. Mwase era um caçador mágico. O seu próprio nome queria dizer «arbusto mortal» porque era capaz de se disfarçar de canavial, o que lhe permitia armar ciladas às suas presas. Os homens do chefe empreenderam a viagem de uma centena de quilómetros e convocaram Mwase, que concordou em ajudar os seus irmãos de Kasungu.

Chegou à poça de água muito antes do nascer do sol. Deixou-se ficar no meio do capim, perto das margens, e aspergiu com água mágica o seu próprio corpo e a carabina. Ambos desapareceram, tornaram-se apenas sons na música da brisa. Passados minutos, o rinoceronte negro rugiu no cimo do monte e começou a aproximar-se da água. Quando deixou cair o corpo pesado na água baixa, Mwase deslizou e meteu-lhe uma bala na cabeça. O rinoceronte caiu, morto.

As celebrações começaram de imediato. Os aldeãos de todo o distrito banquetearam-se durante três dias com a carne da besta terrível que tirara tantas vidas. No auge das festas, o chefe levou

Mwase ao cume do monte mais alto e olhou para baixo, para as terras dominadas pelos chewa. Era o monte Mwala wa Nyenje, que significa «Pedra das Moscas Comestíveis», assim chamado devido às pedras existentes no cume e às deliciosas moscas gordas que viviam nas suas árvores.

De pé, no ponto mais alto da Pedra das Moscas Comestíveis, o chefe apontou uma grande porção de terra verde e voltou-se para Mwase.

— Como mataste aquela fera horrível e muito temida, vou dar-te um prémio — começou. — Por isso, garanto-te a posse deste lado do monte e de tudo o que se avista do seu cume. Vai buscar a tua gente e faz deste sítio o teu lar. Agora quem manda és tu.

Portanto, Mwase voltou a Lilongwe e trouxe consigo a família; não levou muito tempo a estabelecer um império florescente. A sua herdade produzia milho e vegetais com abundância, que alimentavam toda a região. O seu povo era forte e bem alimentado, os seus guerreiros eram poderosos e temidos.

Porém, por essa altura, um grande caos irrompeu no Reino Zulu da África do Sul. O exército de Chaca, rei dos zulus, iniciou uma campanha sangrenta para conquistar as terras que rodeavam o seu reino e as operações de terror e destruição causaram a fuga de milhões de pessoas. Um dos grupos fugitivos era a tribo dos ngonni.

A tribo ngonni marchou para norte durante vários meses e finalmente parou em território dos chewa, onde achou solos húmidos e férteis. Mas, por estarem em constante movimento, os períodos de fome eram frequentes. Quando tal acontecia, viajavam um pouco mais para norte e pediam ajuda ao chefe Mwase, que sempre lhes dispensava milho e cabras. Um dia, depois de ter aceitado mais uma oferta de Mwase, o chefe dos ngonni sentou-se e perguntou: — Como poderemos ter sempre alimentos deste género à nossa disposição?

Alguém respondeu: — Eliminando os chewa.

O tribo ngonni era governada pelo chefe Nawambe, cujo plano consistia em tomar a Pedra das Moscas Comestíveis e todas as terras que se avistam do seu cume. Contudo, os ngonni não conheciam os poderes mágicos do chefe Mwase.